



**FUNDAÇÃO
KISSAMA**

8º Relatório - 1º Trimestre 2012

Versões/Versions: Português/English

VERSÃO PORTUGUÊS

Caros amigos,

O início de 2012 foi o mais seco que eu me lembre. A época chuvosa geralmente atinge o pico em Fevereiro/ Março, frequentemente inundando as zonas húmidas e tornando as picadas lamaçentas e muitas vezes intransitáveis. Os últimos anos tinham testemunhado chuvas generosas, isolando o parque da Cangandala por semanas ou meses, geralmente entre Janeiro e Abril.

Contudo esta época chuvosa foi muito atípica já que a maior parte do país experimentou uma seca severa, pelo que quando agendámos a nossa viagem à Cangandala em Março, e no seguimento de insistentes notícias acerca da seca, estávamos confiantes que conseguiríamos entrar no parque e acompanhar os movimentos dos animais no terreno.

Mas, e como provavelmente já terão adivinhado, as coisas nunca seriam assim tão fáceis.

É verdade que o terreno estava chocantemente seco, sem sinais de lama ou água nos riachos temporários, ao passo que o capim estava pouco desenvolvido e já seco e moribundo – o parque não tinha tido uma gota de chuva há vários meses! Mas mal chegámos ao anoitecer e nos instalámos no acampamento, e nos sentámos para jantar, começou a chover. De início apenas uma chuva miúdinha, depois com mais insistência e intensamente. Fomo-nos deitar sob chuva, e choveu toda a noite sem parar. E continuou a chover. E ainda chovia de manhã enquanto tomámos o café, e agora as coisas começaram a ficar com má cara.

A chuva só parou a meio da manhã, mas nessa altura já estávamos a conduzir no terreno e de qualquer forma o estrago já estava feito.

Ao longo dos dias seguintes pudemos chegar a todas as câmaras nas várias salinas, para substituir cartões de memória e baterias, mas apenas à custa de muito trabalho. Atascámos inúmeras vezes nas picadas dentro e fora do santuário, e a maior parte das salinas tiveram de ser atingidas a pé. Ao menos deu para recuperar todos os cartões de memória, mas tentar localizar e seguir os animais fora dos trilhos estava completamente fora de questão nestas condições.

Desta fora a visita tornou-se uma semi-desilusão, pelo que este *update* teve que se basear principalmente nos diversos registos das câmaras ocultas.

Por falar em câmaras, o novo modelo de câmara que colocámos em Dezembro último tem tido uma performance excepcional, quase demais poderei acrescentar. Stas têm melhor qualidade de imagem, são mais pequenas e leves, parecem ser mais fiáveis, e são muitíssimo mais eficientes em termos de consumo de energia, com as baterias a durarem vários meses de uso contínuo. Mas elas também conseguem agora tirar literalmente milhares de fotos por semana, armazenadas em cartões de 8GB, o que é fantástico mas

igualmente uma maldição mal disfarçada. Se nós já costumávamos lutar com a visualização, gestão e armazenamento das fotos, este problema agora ficou inflacionado significativamente! Só esta viagem rendeu-nos dezenas de milhares de fotos, das quais “apenas” algumas milhares mostraram palancas negras, ruanas, ou híbridos.

A manada principal parece ter-se dividido em grupos pequenos, o que é presumivelmente um comportamento sazonal durante a época chuvosa, mas que também pode ser resultado de dinâmicas sociais específicas, tais como a parição de algumas fêmeas ou a dispersão de jovens machos. Um exemplo interessante foi verificar que a nossa melhor reprodutora, a Teresa, antes de parir, separou-se da manada levando com ela as três crias da manada. Em meados de Dezembro ela estava extremamente prenhe, e seguramente a sua nova cria deve ter nascido por alturas do natal. É uma pena não a termos conseguido ver desde Dezembro, e ela não voltou às salinas entretanto. De todas as formas ela é a nossa principal estrela, sendo a mãe provável de três híbridos, e tendo tido já três crias em pouco mais de dois anos de confinamento – uma performance excepcional! Por outro lado também realça o quão pobre tem sido a reprodução das restantes (talvez a Luísa tenha já tido a sua segunda cria, mas todas as restantes 5 fêmeas no santuário produziram até agora zero crias).

Muito interessante foi notar que durante os últimos dias de gravidez, a Teresa se tornou muito escura em cor, de um castanho escuro que quase parece um macho. Isto é tão mais evidente se levarmos em conta que ela até nem era uma fêmea particularmente escura. Deve ser uma resposta fisiológica relacionada com mudanças hormonais, antes da parição.

Também de sublinhar o facto da primeira cria, o jovem macho Mercúrio, estar já a ficar bastante escuro e ainda antes de completar o segundo ano de idade. Parece ser bastante precoce, com cornos notáveis para a sua idade, e já mais escuro na coloração do que a maior parte das fêmeas. Talvez a falta de competição estimule os jovens machos para se desenvolverem mais rapidamente?

Indo em sentido oposto vão os híbridos castrados, particularmente os machos maturos que, em apenas alguns meses passaram de uma atraente coloração castanha escura com tons de dourado, para uma coloração predominantemente cinzenta-amarelada, imitando quase na perfeição o padrão cromático das fêmeas híbridas! Mais uma vez, reflectindo profundas mudanças a nível hormonal – é um dado estabelecido que a testosterona induz e reforça a coloração escura nas palancas negras.

Já fora do santuário, o Ivan tem sido visto regularmente visitando as Salinas, muito embora sobretudo durante a noite, enquanto patrulha o seu território. E a 1 de Janeiro ele finalmente apareceu acompanhado da Joana (a fêmea velha que tinha escapado do santuário vedado em 2009), assim confirmando as nossas suspeitas. Por outro lado, não vimos nenhuma das fêmeas novinhas que escaparam do santuário seguindo o Ivan, e nesta altura não sabemos se estas se juntaram com a Joana, ou se andam sozinhas.

Link para as fotos:

<https://picasaweb.google.com/113384424565470443034/PalancaReport1stTrimester2012?authuser=0&authkey=Gv1sRgCNio65etOtG5fA&feat=directlink>

Cumprmentos,

Pedro

ENGLISH VERSION

Dear friends,

The beginning of 2012 was as dry as I could remember. The rainy season usually reaches its peak by February/ March, often over flooding the wetlands and making the roads muddy and frequently impassable. The last few years had witnessed generous rains, isolating Cangandala park for weeks or months, generally between January and April.

This rainy season however has been very atypical as most of the country experiences a severe drought, so when we scheduled our trip to Cangandala in March, and following insisting reports about the drought, we were confident that we would be able to enter the park and accompany the sable movements on the ground.

But, and as you have probably guessed by now, things wouldn't be that easy.

True that the landscape was shockingly dry, without mud or water in the temporary streams, while the grass was half-grown and already dry and moribund – the park hadn't seen a drop of water in months! But just as we arrived in the evening and settled in the camp, and sat down for dinner, it started to rain. First just a drizzle, then more steady and heavily. We went to bed while it rained, and it rained all night without stop. And it rained. And it was still raining in the morning while we had coffee, and now things started to look not so good.

The rain only stopped half-morning, but we were already on-wheels and the damage was done anyway.

Over the next couple days we were able to reach all the trap camera sites, to replace memory cards and batteries, but at the cost of slow progress and hard work. We got stuck countless times on the dirt roads inside and outside the sanctuary, and most salt licks had to be reached on foot. At least we were able to recover all the memory cards, but tracking the herds off-road was completely out of the question under those conditions.

So the trip turned out to be a half-disappointment, and this update report had to rely mostly on the various trap cameras' photographic record.

Speaking of cameras, the new trap camera model we planted last December is performing exceptionally well, almost too well I may add. These have better image quality, are smaller and lighter, seem more reliable, and are much more energy-efficient with batteries lasting up to several months of continuing use. But they can also take literally thousands of photos per week, stored in 8GB cards, which is fantastic but also a curse in disguise. If we used to struggle with screening, managing and storing the photos, now this problem has been inflated several fold! This trip alone rendered dozens of thousands of photos, of which "only" a few thousand showed sable, roan or hybrids.

The main herd seems to have split in small groups, which is presumably a seasonal behavior during the rainy season, but may also result from specific social dynamics like females calving and young males dispersal. One interesting example was realizing how our best breeding female Teresa, just before calving, separated from the herd while taking with her the three young calves. By mid-December she was extremely pregnant, and surely her latest calf must have been born around Xmas. It's only a pity we couldn't see her since and she didn't go back to the salt licks. In any case she is our main star, being the likely mother of three hybrids and having had now three pure calves just over two years of confinement – an exceptional performance! On the other hand, it also highlights just how poorly the others have performed (maybe Luisa had by now her second calf, but all the remaining 5 old females in the sanctuary have produced zero calves).

Very interesting to note that during her last days of pregnancy, Teresa became extremely dark in color, of a deep brown that almost resembles a bull. This is even more evident as she wasn't a particularly dark female. Must be a physiological response resulting from hormonal changes, prior to calving.

Also noteworthy the fact that the first calf, the young male Mercury, is now turning very dark in color, and at a very young age, under 2 years old. He seems to be very precocious, with impressive horns for a yearling, and already darker in color than most of the herd females. Maybe the lack of competition stimulates young males to develop faster?

Going in opposite direction are the castrated hybrid bulls, particularly the mature ones, which in a few months since castration have passed from an attractive dark golden-brown coloration, to a dominant pale-roanish color, mimicking now almost in perfection the color pattern of the female hybrids! Again, reflecting serious hormonal changes – testosterone has been proved to enhance the darker coloration on sable.

Outside of the sanctuary Ivan has been regularly visiting the salt licks, although mostly at night, while patrolling his new territory. And on January 1st he showed up accompanied by Joana (the old female that had escaped the fenced sanctuary in 2009), thus confirming our suspicions. On the other hand, we saw none of two young females that escaped the sanctuary following Ivan, and at this point it is unknown if they have teamed up with Joana, or wandered off on their own.

Link for the photos:

<https://picasaweb.google.com/113384424565470443034/PalancaReport1stTrimester2012?authuser=0&authkey=Gv1sRgCNio65et0tG5fA&feat=directlink>

Best wishes,

Pedro